



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

MORADIA E APRENDIZAGEM REMOTA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO RIO DE JANEIRO

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella [*]

Marco Aurélio da Conceição Correa [**]

Erlan Raposo da Silva [***]

[*] Doutor em Geografia (UFF) - Professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC - RJ) – ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9005-1888> - e-mail: mdarrochella@gmail.com

[**] Pedagogo, Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação (PROPED -UERJ) - Professor da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME -RJ) – ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1479-9848> - e-mail: marcao_cp2@hotmail.com

[***] Pedagogo - Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (UERJ), Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4161-8408> - e-mail: erlan.raposo@hotmail.com

RESUMO

Com a pandemia do coronavírus no início do ano de 2020, as aulas presenciais foram suspensas para atender as medidas de isolamento social. A baixa adesão de estudantes ao sistema gerou a necessidade de entender sob que condições estudavam, mesmo tendo acesso a internet. A presente pesquisa avaliou os resultados da aplicação do Censo das Condições de Aprendizagem no ensino à distância, dando ênfase à situação de domicílio em uma escola pública estadual no bairro do Caju no Rio de Janeiro. O objetivo foi investigar os aspectos do ambiente domiciliar que podem dificultar a aprendizagem remota dos estudantes, a partir de suas realidades e experiências cotidianas com a nova modalidade. O Censo das Condições de Aprendizagem foi disponibilizado aos alunos pelo Google Formulários. Os resultados demonstram que o mero acesso à internet não é suficiente para a efetividade do processo de ensino-aprendizagem nesse momento.

Palavras-chave: Situação de Aprendizagem; Moradia; Aprendizagem Remota.



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

Introdução

Por volta do mês de março de 2020 medidas de isolamento social começaram a ser adotadas por estados e municípios brasileiros para conter o avanço do contágio pelo Sars-CoV-2, também conhecido como novo coronavírus, que promove a Covid-19. Isso teve impacto direto sobre as redes presenciais de ensino, públicas e privadas, nos diferentes níveis educacionais, que de imediato interromperam as atividades.

Em meio à crise sanitária a rede de ensino estadual do Rio de Janeiro se adiantou aos debates legais e pedagógicos para lidar com o cumprimento do ano letivo, adotando um sistema de educação à distância pela plataforma *Google Classroom*. Tal ação gerou posicionamento contrário imediato pelas lideranças sindicais.

Santos (2019) aponta que o ensino à distância nos moldes propostos por Darcy Ribeiro tinha como finalidade a democratização da educação àqueles que por causa do trabalho ou isolamento geográfico, não tinham acesso à escola. No entanto, relembra que isso abriu as portas para que grupos empresariais explorassem as tecnologias educacionais, oferecendo ao Estado seus serviços que, com repasse de verbas públicas ao setor privado, servem muito mais ao lucro do que à promoção de uma educação democrática e de qualidade. A contratação da plataforma *Google Classroom* é mais um exemplo disso.

Do mesmo modo, outros problemas imediatos se apresentavam. O primeiro deles foi a falta de preparo, formação ou treinamento dos professores para lidarem com um novo sistema, adotado da noite para o dia; o segundo, foi o não acesso à internet de banda larga ou mesmo computadores eficientes por boa parte do corpo docente, principalmente no que tange os professores de idade mais avançada; e por último, e mais importante, o não acesso dos alunos aos meios necessários para estudos remotos, deixando parte considerável deles de fora das aulas à distância. Tais condições foram percebidas por um dos autores desta pesquisa, já que, faz parte do corpo docente da escola em que essa pesquisa se aplica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394, promulgada no ano de 1996) em seu 11º parágrafo do Artigo 36 permite que o ensino médio, nos sistemas de ensino estaduais e municipais, possa ser viabilizado na modalidade à distância. Porém, esta lei também prevê em seu texto, mais precisamente no Artigo 3º, que o Estado garanta a



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio
da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

**Moradia e Aprendizagem Remota durante a
Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro**

todos os estudantes iguais condições de acesso, permanência, e que lhes sejam garantidos uma educação de qualidade durante toda sua trajetória escolar.

Outro ponto a se destacar foi a inexistência na oferta de suporte de material aos professores e alunos para o trabalho docente à distância. Também não foi oferecido meio tecnológico ou auxílio para que as aulas ocorressem de forma satisfatória, ou ainda que meios de conexão à internet foram disponibilizados pela secretaria de educação, cabendo aos professores e alunos custearem esses gastos.

Com a adesão de boa parte do corpo docente ao sistema, muito em função da possibilidade de não remuneração de horas extras, o real espírito meritocrático passou a pairar sobre os professores, normalizando uma situação de calamidade e promovendo a não democratização da educação. Vieira *et. al.* (2013, p. 318) definiram a meritocracia como “um sistema social, político e econômico, em que os privilégios são obtidos pelo mérito e o poder é exercido pelos mais qualificados, mais competentes, mais talentosos”.

Neste contexto de privilégios à educação, as regiões periféricas ficam bastante atrás devido às históricas desigualdades sociais que as assolam. Barbosa e Cunha comentam esses contextos de vulnerabilidade social:

Essa é uma realidade que mostra o distanciamento entre as classes menos privilegiadas e as abastadas econômica e socialmente. Reafirmando esse problema, por sua vez, o privilégio de morar em uma região na qual as necessidades fundamentais, para a manutenção de uma vida de qualidade, em que grande parte desses serviços são públicos e garantidos pelo governo, não é de posse das classes pobres, que mais necessitam desses serviços públicos. O direito a esses serviços é geralmente exclusivo do centro das cidades e estados, onde os mais abastados vivem, e não são garantidos à periferia. Portanto, a partir dessa perspectiva, é possível inferir que é contraditório esperar um ambiente que ofereça condições que favoreçam os estudos e aprendizagem, sendo que nem os serviços fundamentais são garantidos (2020, p. 34).

Se o discurso é bastante atraente, como um incentivo à dedicação, mascara e invisibiliza as diferentes condições de vida de educandos de uma rede de ensino com público socialmente e economicamente extremamente variado. De acordo com os dados do IBGE, a rede estadual de ensino do Rio de Janeiro atendeu 572.899 alunos matriculados,



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio
da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

**Moradia e Aprendizagem Remota durante a
Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro**

ocupando a 27^a posição no IDEB nacional no ano de 2020, nos diferentes municípios do estado.

Em se tratando de alunos da Região Metropolitana, o acesso à internet de banda larga é mais amplo do que em outras regiões do estado, no entanto as condições domiciliares e familiares dos alunos podem ser um entrave maior do que o próprio acesso à plataforma *online* de estudo. Kohara (2008) em estudos sobre habitabilidade de alunos enfatiza que entre outros fatores, o conforto, a iluminação, a aeração podem se mostrar como elementos altamente influenciadores na eficiência de seu estudo e até em seu comportamento na escola.

Sobre o ambiente de moradia, no que diz respeito às condições de convivência, para realização de tarefas de estudo em casa, Rosário *et. al.* (2005) destaca:

Os ambientes de realização das tarefas de casa são muitas vezes pouco estruturados e controlados. Os alunos, entregues a si próprios e sem orientações e apoio apropriado, facilmente vacilam. A ausência de apoio e de adequada monitorização do trabalho de casa realizado pelos alunos, faz desperdiçar ocasiões de reforço e modelação da sua aprendizagem. O modelo socioconstrutivista sugere que as crianças aprendem a ser alunos através das interações com os adultos, em tarefas significativas, tanto na escola como em ambientes extracurriculares (ROSÁRIO, *et. al.*, 2005, p. 345).

Podemos perceber que os diferentes autores defendem que as condições de moradia, sob diferentes perspectivas, influenciam de tal modo, que o simples acesso à internet, não pode ser a única variável a ser analisada, quando da tentativa de implementação de um sistema de ensino à distância forçado e sem planejamento.

Ferreira (2000) em se tratando das condições de conforto, especificamente, para o estudo apoiado no Ensino à Distância por meio digital, enfatiza que podem ocorrer problemas biomecânicos (má postura ao sentar-se), cognitivos e psíquicos e complementa afirmando:

(...) os possíveis efeitos negativos, provenientes do cenário descrito acima, podem estar interferindo na sua motivação e, em consequência, na eficiência e eficácia do seu desempenho no curso. No limite, tais aspectos atuam para tornar o processo ensino-aprendizagem mais sinônimo de sofrimento do que de prazer na aprendizagem e, desta forma, contribuir para aumentar a taxa de evasão, colocando em risco o próprio projeto de



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

EAD. Mas também, porque educar é pensar a globalidade do processo ensino-aprendizagem, forjando uma práxis que se afaste de uma abordagem pedagógica tecnicista e reducionista, que costuma achar "bonito o próprio umbigo" (FERREIRA, 2000, p. 2).

Spozati (2000, p. 2) ao afirmar “Exclusão social e fracasso escolar configuram duas situações negativas e o resultado da relação entre ambas é a precariedade”, demonstra que os dois fenômenos andam juntos, portanto, não nos parece justo encerrar o sucesso do processo de ensino-aprendizagem ao interesse dos alunos, ainda mais quando tratamos de um público que vive sob condições de moradia de tamanha precariedade.

Junto à exclusão social, quase sempre encontramos a violência. Zaluar e Leal (2001) buscam lembrar, a partir do pensamento de Pierre Bourdieu, que a violência não é apenas física, mas também simbólica. Isso fica evidente no trecho:

Na escola, hoje, a violência apresenta a dupla dimensão mencionada acima: (1) a violência física perpetrada por traficantes ou bandidos nos bairros onde se encontram, assim como por alguns dos agentes do poder público encarregados da manutenção da ordem e da segurança, e (2) a violência que se exerce também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro (ZALUAR e LEAL, 2001, p. 148).

Desse modo, há que se considerar que estudantes que moram em comunidades carentes sofrem impactos diretos sobre sua aprendizagem por conta da violência, mesmo que não seja física. As autoras chamam a atenção para a violência psicológica como uma via para o esmagamento e silenciamento dos que deveriam ser formados para ter uma opinião crítica. Nessa perspectiva, estudantes moradores de comunidades dominadas por organizações criminosas sofrem impactos diretos dessa violência sob diferentes aspectos e, no que tange a aprendizagem e fracasso escolar, as autoras evidenciam:

O tiroteio cada vez mais comum nos bairros populares e nas favelas, o uso de armas de fogo dentro dos prédios escolares, onde já ocorrem mortes de estudantes, e a presença de traficantes nessas comunidades têm prejudicado o rendimento escolar dos jovens, levando-os muitas vezes ao afastamento ou mesmo ao abandono dos bancos escolares (ZALUAR e LEAL, 2001, p. 158).



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

Se tratando de alunos estudando à distância que estão domiciliados em comunidades carentes, sendo estas sitiadas e sob forte controle de criminosos armados, estes estudantes estariam sujeitos tanto à violência simbólica como psicológica, tornando o quadro ainda mais preocupante.

Brandão (1988, p. 106) tecendo reflexões sobre o método proposto por Paulo freire, nos relembra que muitas vezes o Estado atua de modo a tornar a educação um “instrumento de reprodução da desigualdade e ocultação da realidade à consciência”. Portanto, tomar por normal e adaptada a situação de aprendizagem remota, disfarçada de educação à distância, contribui para que uma educação crítica não seja promovida por professores e contribuirá para a alienação de alunos num sistema cada vez mais apoiado na meritocracia. Dentro dessa perspectiva a educação se insere ainda mais na lógica bancária, onde os estudantes se comportam apenas como bancos receptores de dados e informações depositadas pelos professores, os únicos agentes ativos nesse processo acumulador. Na educação bancária e meritocrática, ganham aqueles que acumulam mais (FREIRE, 1996).

Este estudo buscou entender como outras variáveis, que não apenas o acesso à internet, podem influenciar diretamente na qualidade do processo de ensino-aprendizagem para alunos em condição de educação remota moradores de comunidades carentes.

Área de Estudo

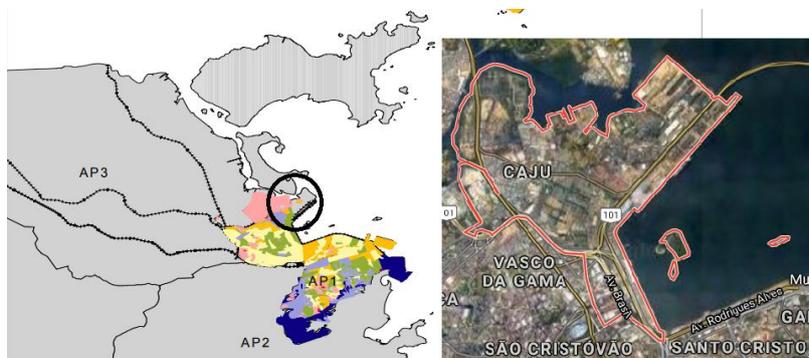
Este estudo de caso foi executado com estudantes de uma escola pública da rede estadual do Rio de Janeiro, localizada no bairro do Caju (Figura 1), com funcionamento integral antes da pandemia. O nome da escola não será revelado por causa de discordâncias da direção da unidade e da secretaria de educação quanto ao levantamento dos dados durante a pandemia de Covid-19 no ano de 2020. A escola oferecia apenas um único turno: integral, com cerca de 300 alunos, oferecendo exclusivamente Ensino Médio associado ao Técnico em oito turmas.

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

FIGURA 1 - Localização do Bairro do Caju na Região Central do município do Rio de Janeiro.



Fonte: Adaptado de Geiger *et al.* (2001)

Os alunos eram majoritariamente moradores do bairro (Caju), que dentre os 126 bairros do município ocupa a posição de 111º IDH (0,753). No entanto, de acordo com Nacif *et al.* (2009), o bairro tem uma história de nobreza, contando inclusive com a presença de um centro cultural instalado na antiga Casa de Banho de Dom João VI (Figura 2). Os autores evidenciam que:

o bairro do Caju, então Imperial Quinta do Caju, fazia parte da antiga Fazenda Real de São Cristóvão, de propriedade da Companhia de Jesus que, com a expulsão dos jesuítas, em meados do século XVIII, passou a ser loteada em nome da coroa Portuguesa, em virtude de suas amenidades. Lugar adequado para o banho de mar e repouso, de clima ameno, próximo do Centro da cidade, o Caju tornou-se um local de lazer da elite, que construiu ali chácaras de veraneio (NACIF, *et al.*, 2009, p. 6).

Os autores indicam que, no início do século XX, com as reformas do prefeito Pereira Passos na cidade, ocorrem mudanças substanciais no bairro, com a instalação do início da ferrovia Rio D'Ouro e a proximidade da Avenida Brasil, que rapidamente convertem o bairro à função industrial. Com isso, ocorre a instalação do porto com pátios de *containers*, cemitérios, depósitos de lixo e ocupação por populações pobres buscando renda a partir dessas atividades. Atualmente o bairro contém oito favelas, sendo: Quinta do Caju, Ladeira dos Funcionários, Parque São Sebastião, Parque Nossa Senhora da Penha, Parque Alegria, Parque da Boa Esperança, Parque Conquista e Vila Clemente Ferreira.

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

FIGURA 2 - Casa de Banho de Dom João VI. A- Placa que indica o Centro Cultural, B – Fachada lateral, C- Presença de Palmeiras Reais e D- Vista da Casa de Banho interrompida pelo muro do porto.



Fonte: Os Autores (2019).

Ramos (2014) apresenta algumas informações que nos permitem entender melhor a conjuntura do bairro, que é o mais perigoso da região portuária e possui apenas duas escolas de Ensino Médio, dessas apenas uma oferece educação em horário noturno.

O bairro é muito conhecido pela presença de três cemitérios, o que de fato nada contribui para autoestima de seus moradores, pouco recebe atenção do poder público e atualmente passa por obras para um novo segmento da Ponte Presidente Costa e Silva (Rio – Niterói), trazendo ainda mais caos, barulho e lama para seus moradores (Figura 3).

FIGURA 3 - Obras no Caju. A- Intenso tráfego de caminhões, B- Construção da ponte e lama, C- Calçamento interditado e D- Poeira na avenida principal ao lado do cemitério.



Fonte: Os Autores (2020).

Quanto à conjuntura das condições de moradia no bairro, Andrade (2004) salientava que do total dos domicílios, 46,4 % não tinham escritura de propriedade ou documento de posse junto a associação de moradores, 37,7 % têm alguma documentação de

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 30, n.3, p. 1- 20, set/dez, 2021

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

posse junto à associação de moradores e apenas 15,9 % possuem escritura definida. Isso demonstra que em tese, as moradias foram construídas sem necessariamente cumprir normas legais de habitabilidade, comum nas comunidades carentes do município.

Metodologia

Em se tratando da impossibilidade de levantamento de dados pessoalmente, justamente pela condição de isolamento social, optou-se pelo uso da plataforma “Google Formulários”, que permite, a partir da geração de um *link*, aplicação de questionário eletrônico. Esse foi enviado pelo aplicativo de *smartfone WhattsApp* para grupos virtuais de cada turma da escola.

A plataforma Google Formulários permite a geração automática de gráficos de pizza a partir do cálculo de percentagem, atualizando automaticamente a cada acesso pelos entrevistados. Nesse caso, foi aplicado o “Censo das Condições de Aprendizagem” (Figura 4), em que os alunos apenas cadastravam seus endereços de *e-mail* para poderem responder. Para seguir os protocolos éticos de pesquisa, com esse tipo de dados mantemos o anonimato dos alunos, apenas nos atentando às estatísticas gerais produzidas pela própria ferramenta da Google.

FIGURA 4- Plataforma Google Formulários.

The image shows a screenshot of a Google Form interface. At the top, it says 'Formulário sem título' with a star icon. There are icons for settings, sharing, and a purple 'Enviar' button. Below the title 'Censo das condições de Aprendizagem', there is a description: 'Esta é uma pesquisa que busca entender as condições de aprendizagem de estudantes durante a pandemia de Covid 19 estudando por plataformas on line. Por favor, responda a todas as perguntas.' A text input field is labeled 'Endereço de e-mail *' with a sub-label 'Endereço de e-mail válido'. At the bottom of the form, it says 'Este formulário coleta endereços de e-mail. Alterar configurações'. On the right side, there are icons for adding questions, sharing, and other settings.

Fonte: Os Autores (2020).

O Censo das Condições de Aprendizagem foi elaborado pelos autores da presente pesquisa, constituído de 30 perguntas, apoiadas em três tipos de informações, sendo: 1) Informações pessoais de cada aluno, 2) Informações sobre suas condições de moradia e 3) Informações sobre suas condições de convivência familiar na moradia.

Para nossa análise, escolhemos apenas nove perguntas para analisar, haja vista o volume de informações contidas nesse levantamento. Os formulários foram respondidos no **Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 30, n.3, p. 1- 20, set/dez, 2021**



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

período de sete dias, entre os dias 28/06/2020 e 05/07/2020, somando um total de 59 respostas, o que configura cerca de 20% do total estimado de alunos na escola. Devido a problemas de comunicação com a equipe diretiva não foi possível disponibilizar o formulário para outras turmas da escola, o que poderia nos dar mais dados para compor nossas reflexões. Porém, acreditamos que as informações obtidas pelo Censo das Condições de Aprendizagem já nos dão um panorama geral da experiência de aprendizagem dos estudantes do ensino médio das escolas estaduais do Caju.

Resultados

A primeira pergunta a ser avaliada foi sobre a ajuda de familiares na execução de tarefas para fazer em casa e pode ser observada na figura 5:

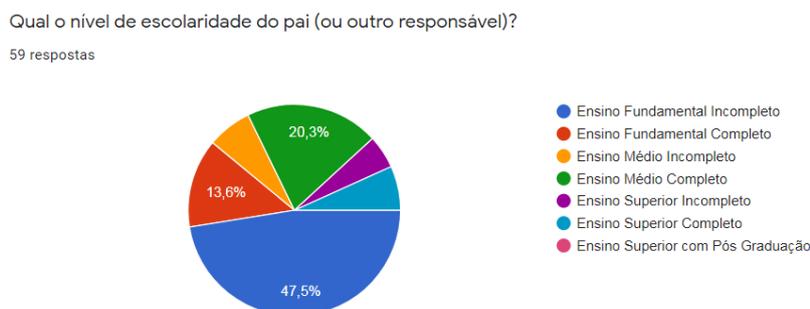
FIGURA 5 - Gráfico de ajuda de tarefas



Fonte: Os Autores (2020).

40,7% dos alunos não têm ajuda de nenhum parente ou amigo. A variável “amigos” não chega 15% das respostas, o grau de instrução dos responsáveis está representado nas Figura 6 e 7.

FIGURA 6 - Gráfico de Escolaridade do Pai.



Fonte: Os Autores (2020).

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

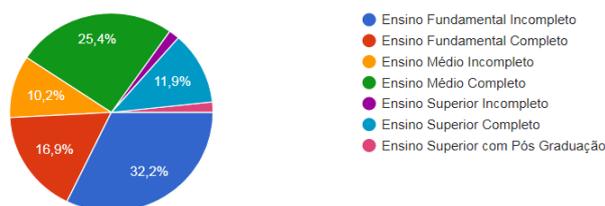
Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

12,9% chegaram ao Ensino Superior (completo e incompleto) e 20,3% possuem diploma de Ensino Médio. 47,5% dos pais não concluíram o Ensino Fundamental.

FIGURA 7 - Gráfico de Escolaridade das Mães.

Qual é o nível de escolaridade da mãe (ou outro responsável)?

59 respostas



Fonte: Os Autores (2020).

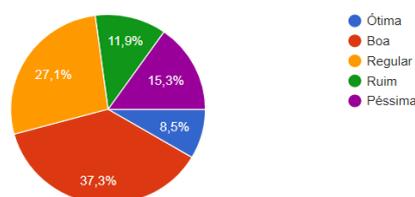
É perceptível que a escolaridade das mães é bem maior do que a dos pais, 25,4% concluíram o Ensino Médio e outros 11,9% têm o Ensino Superior. Ainda assim, praticamente metade das mães estudou no máximo até o fim do Ensino Fundamental.

Em se tratando das condições de conforto para o estudo, alguns resultados mostram inúmeros problemas, principalmente falta de conforto, silêncio e privacidade (Figura 8, 9 e 10).

FIGURA 8 - Gráfico das Condições de Conforto para o Estudo.

Como é a condição de conforto para o estudo (cadeira e mesa adequada)?

59 respostas



Fonte: Os Autores (2020).

8,5% possuem condições ótimas de estudo em casa e os 37,7% com condições boas, ainda são menores do que o somatório das condições regulares, ruins ou péssimas.

FIGURA 9 - Gráfico das Condições de Silêncio para o Estudo.

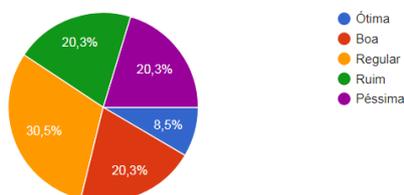
Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

Como é a condição de silêncio para seu estudo?

59 respostas



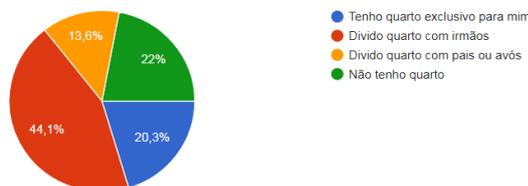
Fonte: Os Autores (2020).

40,6% dos estudantes estão sob condições ruins ou péssimas e apenas 8,5% possuem condições ótimas, que somada aos 20,3% das boas, ainda são inferiores que o número de alunos com condições regulares para silêncio durante o estudo.

FIGURA 10 - Gráfico das Condições de Privacidade para o Estudo.

Quais as condições de seu quarto?

59 respostas



Fonte: Os Autores (2020).

Ter um quarto exclusivo para si é uma condição de apenas 20,3%. 57,7% dos alunos dividem quarto com familiares. 22% dos alunos sequer dormem em um quarto, ou seja, dormem na sala de sua casa, espaço onde provavelmente estudam. Essa é quase a mesma porcentagem de quem tem condições péssimas de silêncio (Figura 9).

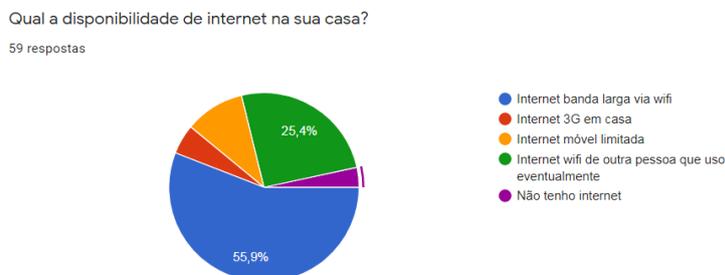
As figuras 11, 12 e 13 tratam especificamente das condições instrumentais para seu estudo à distância, como por exemplo, acesso à internet, dispositivo eletrônico utilizado e qualidade do material recebido para seu estudo doméstico.

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erihan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

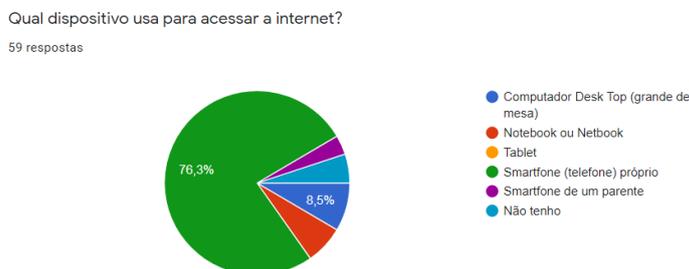
FIGURA 11 - Gráfico da Disponibilidade de Internet para o Estudo.



Fonte: Os Autores (2020).

55,9% dos alunos possuem internet de banda larga em casa. 25,4% dos entrevistados só conseguem acesso à rede utilizando o pacote de dados por *Bluetooth* de outra pessoa. Fato que se confirma no cotidiano escolar presencial, pois muitos responsáveis não permitem aos seus filhos a total autonomia para usar a internet fora de casa.

FIGURA 12 - Gráfico do dispositivo utilizado para estudo à distância.



Fonte: Os Autores (2020).

A maioria dos alunos (76,3%) utiliza o telefone para estudar. 8,5% dos alunos utilizam-se de computadores *Desk Top*. Todas as outras opções têm menos de 7%.

FIGURA 13 - Gráfico da qualidade do material didático utilizado no estudo à distância.



Fonte: Os Autores (2020).



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Eralan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

39% dos alunos acham os materiais de qualidade “Regular” e o somatório das classes “Ruim” ou “Péssimo” somam 22,1%.

Discussão

Percebemos que a ausência física do ambiente escolar, e principalmente de suas interações, dificultaram as possibilidades de aprendizagens dos estudantes. Sobretudo, nos primeiros meses de isolamento social, onde medidas mais drásticas estavam sendo recomendadas. Se a interação nas salas de aula não estava acontecendo, uma alternativa poderia ser o auxílio de seus familiares, porém esta interação não acontecia. Um dos principais motivos pode ser a dificuldade na escolarização dos familiares, o que não permitiria um domínio das habilidades e competências exigidas para o auxílio educacional desses estudantes.

É preciso lembrar, como exposto anteriormente, que o bairro ainda passa por obras de construção de uma ponte, que não se integra ao bairro, estando parcialmente em funcionamento, ou seja, há grande fluxo de automóveis. Quando estiver em pleno funcionamento ligará a BR 101 à BR 040 (Rio de Janeiro – Belo Horizonte), aumentando ainda mais o barulho pelo tráfego de veículos, variável essa que se demonstrou como ruim ou péssima para metade dos estudantes.

A disponibilidade de internet, vista com a figura 11, mesmo com o predomínio do uso da banda larga, comparando com as outras opções parecem como “bom”, mas a outra metade dos alunos não tem acesso a isso. O que poderia parecer um erro de levantamento, colocar a opção “Não tenho Internet”, já que, quem não tem, não poderia responder ao questionário, é uma estratégia para todos os outros tipos de saídas possíveis que os alunos usam para acessar as aulas e materiais.

Ficou perceptível que a maioria dos alunos apenas visualizaram os materiais pelo telefone. Não temos os dados sobre que aplicativos estão instalados, mas não é usual termos o pacote *Windows Office* no telefone, e mesmo que tivéssemos, o manejo é muito mais dificultoso do que num *Tablet*, *NoteBook*, *NetBook* ou *Desk Top*. Os estudos de Dionízio e Paiva (2020) em uma escola da mesma rede, na Baixada Fluminense, encontram resultados semelhantes ao indicarem que de 536 alunos entrevistados, 412 se utilizavam do telefone para acessar as aulas.



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

É evidenciado que, de fato, o estudo à distância não tem sido uma tarefa fácil e nem agradável para os alunos. Somando-se a todas as outras condições apresentadas, estudar pela internet em tempo de isolamento social, foi uma tarefa árdua, que pode ser refletida, inclusive, na baixa adesão a responder o censo aplicado. Dutra *et. al.* (2020) avaliando as condições de saúde mental de estudantes na pandemia, indicam que o isolamento por si só, já afeta a construção de subjetividades pela falta de interação entre os alunos no ambiente produtivo da escola, que antes, era o espaço em que elas passavam a maior parte de seu tempo executando atividades de estudo. A escola avaliada em nossa pesquisa funcionava em horário integral antes da pandemia, com uma carga horária e de conteúdos muito maior que o resto da rede estadual, o que se mostra como uma realidade radicalmente oposta ao sistema de estudo remoto, podendo gerar ainda mais dificuldades de interação e de aprendizagem.

Longe de tentar dar algum juízo de valor à qualidade do trabalho dos professores e, entendendo que eles não receberam qualquer curso ou material didático para as aulas pela plataforma, a figura 13 permitiu elucidar na prática, como os alunos julgam a qualidade do que estão recebendo como conteúdo, sendo classificada como regular em cerca de 39%.

Quanto ao papel dos professores nessa interação remota, tomadas as respostas para “Boa” e “Ótima” obtivemos 39% como resultado, demonstrando que, embora os professores lidem com todas as dificuldades de se enfrentar a uma pandemia com isolamento social, ainda se utilizaram de estratégias que são bem aceitas por parte considerável dos alunos. Almeida e Alves (2020) avaliando o papel das vídeo conferências, as *Lives*, perceberam que foram importante estratégia que professores se utilizaram nesse período, no entanto, sua maior efetividade se deu quando eram gravadas para assistir posteriormente, havendo pouca adesão no momento de execução.

O resultado não é o ideal, mas devemos retirar a raiz do resultado dos ombros dos professores e recolocar na Secretaria de Educação, que cobra cumprimento de horários, preenchimento de listas de presença e relatório de atividades, mas não treinou professores e não disponibilizou nenhum tipo de infraestrutura para que realizassem as aulas à distância. É preciso ressaltar que, em muitos casos, os materiais disponibilizados pelos professores foram de sua autoria, circulando na rede de maneira livre, podendo ser utilizados por outras

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 30, n.3, p. 1- 20, set/dez, 2021



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

peessoas sem que haja qualquer ressarcimento de direito autoral, tanto das fontes utilizadas, como dos materiais inéditos.

Quanto à análise mais específica sobre a qualidade de acesso dos estudantes ao material didático disponibilizado para aprendizagem remota, encontramos dados que justificam tais dificuldades. Mesmo com o acesso à internet de banda larga, os estudantes não conseguiam se dedicar aos estudos, sobretudo, porque o acesso era realizado por meio de *smartphones*. Barbosa e Cunha tecem algumas análises que fundamentam tais questões:

No entanto, mesmo aqueles que possuem o acesso à rede entre os mais pobres cuja renda chega a um salário-mínimo mensal sentem as dificuldades da carência de computadores durante o processo de aprendizagem, pois 78% usam exclusivamente dos aparelhos smartphones para se conectar ao mundo virtual. [...] Fica evidente com esse cenário a maneira como está sendo posta e gerida a situação, mesmo com esforços de produção de material didático e formação de professores, o público-alvo não será atingido em sua totalidade e nem da mesma maneira e qualidade como os que dispõem dos recursos básicos (2020, p. 34).

Esses contextos tornam ainda mais difícil o interesse dos estudantes com o estudo, se antes as favelas e periferias já viviam realidades de escassez, violência e morte, com a pandemia, tais realidades são potencializadas devido à ausência de políticas que forneçam os subsídios necessários para um momento tão difícil. Reconhecer tais barreiras entre a aprendizagem remota, para os jovens estudantes de realidades como a do Caju, é uma oportunidade para perceber que a educação precisa de muitas mudanças, mesmo após o reestabelecimento da normalidade com o fim da pandemia.

Em se tratando das condições apresentadas, pelo fato da maioria dos alunos morarem em comunidade carente, Pretto *et. al.* (2020) apresentam algumas reflexões sobre as limitações sociais vividas pelos moradores de favelas e periferias:

Em um país com uma enorme desigualdade social, como o Brasil, é necessário especificar que essa casa, para as classes média e alta, se constitui numa edificação com diversos cômodos, que permite arranjos para o desenvolvimento de atividades individuais e coletivas; já para as classes populares, a casa é, muitas vezes, um único cômodo, onde convivem muitas pessoas, de pequenos a idosos, o que torna praticamente impossível permanecer nesse espaço o dia todo, ou desenvolver qualquer tipo de atividade que exija o mínimo de concentração e dedicação, como são geralmente aquelas ligadas à experiência educacional. No entanto, com



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

esse enorme contingente juvenil sem aula nas escolas, começam a surgir, aqui e em diversos países, soluções para que a educação continue, em casa, sob a responsabilidade dos grupos familiares. Portanto, as hashtags #fiqueemcasa e #aescolacontinua têm significados absolutamente diferentes para uma ou outra realidade, uma ou outra classe social (2020, p. 2-3).

A desigualdade social também afeta diretamente o ordenamento domiciliar de cada residência, o que dificulta para muitos estudantes o momento de estudo. Tais condições sociais acabam com o conforto desses jovens, mesmo antes de se afrouxarem as restrições sociais, pois a constante ameaça de operações policiais, nada silenciosas, retornou ao cotidiano desses estudantes, conforme apresentado anteriormente por Zaluar e Leal (2001). Se esse fato já era preocupante antes, se torna ainda mais intenso com as dinâmicas do isolamento social.

Conclusão

Ao levantarmos os dados sobre ajuda para estudos, escolaridade dos responsáveis, condições de conforto, condições de silêncio, condições de privacidade, acesso à internet, dispositivos utilizados para o estudo e qualidade dos materiais didáticos, fica evidente que tais variáveis não se apresentaram nas condições ideais para todos os estudantes entrevistados.

Da mesma forma, apenas 20% dos estudantes conseguiram ou se sentiram motivados a responder o censo, o que pode trazer à tona outras questões referentes às condições psicológicas durante o isolamento social.

O papel do Estado, enquanto mantenedor de um sistema de educação à distância, pareceu-nos ineficiente, pois ao assumir de maneira tão imediata, e sem planejamento, a utilização de uma plataforma de estudos pela internet, promoveu apenas uma aprendizagem remota, fora dos moldes do que é previsto como educação à distância. O sistema adotado pelo Estado, mais exclui do que inclui estudantes, tencionando, possivelmente, a sua saúde mental, além de pressionar professores.

Assim, o que está posto, enquanto conjuntura, fere inúmeros incisos do Artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como o I que prevê igualdade e condições para acesso e permanência na escola. Esta virou uma “escola on line” e os alunos sem

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 30, n.3, p. 1- 20, set/dez, 2021



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

internet ou meios digitais apropriados estão fora das condições de igualdade. O inciso VI soma-se a isso, já que prevê a gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.

A falta de planejamento fere o inciso IX que prevê a garantia de padrão de qualidade. Mesmo sendo uma noção vaga, se não há garantia de acesso, tampouco haverá qualquer padrão.

Por fim, acreditamos que o censo, mesmo que de maneira restrita, foi capaz de descortinar a invisibilidade das condições de moradia dos alunos, para os que os professores que os avaliam, possam perceber o quanto tais condições podem influenciar em sua aprendizagem. Isso traz à tona a importância do cotidiano de estudo em ambiente escolar presencial, ainda mais para alunos que estudavam em regime de horário integral.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. I. T. **Direito de Propriedade e Renda Pessoal: um estudo de caso das comunidades do Caju**. 108f. Dissertação (Mestrado em Economia). Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ALMEIDA, B. O. e ALVES, L. R. G. Lives, educação e covid-19: estratégias de interação na pandemia. **Interfaces Científicas**, v. 10, n. 1, 2020.

BARBOSA, O. L. e CUNHA, P. G. M. Pandemia e a precarização do direito ao acesso à educação. **Revista Pet Economia UFES**. v. 1, 2020.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire**. 14ª Edição. - Brasília: Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

DIONÍZIO, T. P. e PAIVA, L. C. Estratégias didáticas para o avanço dos processos de ensino e de aprendizagem durante a Pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n:2, 2021.

DUTRA, J. L. C.; CARVALHO, N. C. C.; SARAIVA, T. A. R. Os efeitos da pandemia de Covid-19 na saúde mental das crianças. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n: 1, 2020.

FERREIRA, M. C. Ambiente de aprendizagem online ou Aprendizagem online do ambiente: contribuições da ergonomia na gestão de sistemas educacionais à distância. **Engopublic UnB**. Brasília, 2000.

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 30, n.3, p. 1- 20, set/dez, 2021



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

Moradia e Aprendizagem Remota durante a Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEIGER, P. P.; ARUEIRA, L. P.; ALEM, A. **Mapa Social da Cidade do Rio de Janeiro.** IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

KOHARA, L. T. **Relações entre as condições de moradia e o desempenho escolar: estudo com crianças residentes em cortiços.** 297f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2008.

NACIF, C. L.; KOATZ, G. D.; MACHADO, M. S.; ALVES, E. B. Territorialidades e conflitos em bairros cariocas: Caju e Jardim Botânico. **Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina.** Montevideu, 2009.

PRETTO, N. De L.; BONILLA, M. H. S.; SENA; I. P.F. de S. (Org.). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19.** Salvador: Edição do autor, 2020.

RAMOS, F. P. **Injustiça Ambiental: um estudo de caso do bairro do Caju, Zona Portuária do Rio de Janeiro.** 146f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais). Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

ROSÁRIO, P.; MOURÃO, R.; SOARES, S.; CHALETA, E.; GRÁCIO, L.; SIMÕES, F.; NUÑES, J. C.; GONZALES-PIENDA, J. A. Trabalho de casa, tarefas escolares, auto-regulação e envolvimento parental. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 10, n. 3, p. 343 – 351, 2005.

SANTOS, C. A. Educação à Distância: tensões entre expansão e qualidade. In: CÁSSIO, F. (Org.). **Educação contra a Barbárie – por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

SPOZATI, A. Exclusão Social e Fracasso Escolar. **Pontos de Vista.** Brasília, v. 17, n. 71, p. 21 – 32, 2000.

VIEIRA, C. M.; BORGES, K. P.; GONZAGA, L. P.; OLIVEIRA, N. D. G. L. Reflexões sobre a meritocracia na educação brasileira. **Revista Reflexão e Ação.**v.21, n. esp. p. 316-334, 2013.

ZALUAR, A. e LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** v. 16, n. 45, 2001.



Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, Marco Aurélio
da Conceição Correa, Erlan Raposo da Silva

DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.55971

**Moradia e Aprendizagem Remota durante a
Pandemia de COVID-19 No Rio De Janeiro**

HOUSING AND REMOTE LEARNING DURING THE PANDEMIC OF COVID-19 IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

With the coronavirus pandemic at the beginning of 2020, the classroom classes were suspended to comply with social isolation measures. The low adhesion of students to the system generated the need to understand under what conditions they studied, even with internet access. This research evaluates the results of the application of a Census of Conditions of Learning in distance education, emphasizing the home situation in a state public school in the neighborhood of Caju in Rio de Janeiro. The objective was to investigate the aspects of the home environment that can make remote learning difficult for students, based on their daily realities and experiences with the new modality. The Learning Conditions Census was made available to students through Google Forms. The results demonstrate that the mere access to the internet is not enough for the effectiveness of the teaching-learning process at that moment.

Key Words: Learning conditions; Home; Remote learning.

HOUSING AND REMOTE LEARNING DURING THE PANDEMIC OF COVID-19 IN RIO DE JANEIRO

RESUMEN

Con la pandemia de coronavirus a principios de 2020, se suspendieron las clases presenciales para cumplir con las medidas de aislamiento social. La baja adhesión de los estudiantes al sistema generó la necesidad de comprender en qué condiciones estudiaban, incluso con acceso a internet. La presente investigación evalúa los resultados de la aplicación de un microcenso sobre las condiciones de aprendizaje en la educación a distancia, enfatizando la situación del hogar en una escuela pública estatal en el barrio de Caju en Rio de Janeiro. El objetivo fue comprender qué factores de sus realidades y vivencias cotidianas, dificultan que los alumnos aprendan de forma remota con la nueva modalidad. Los alumnos accedieron a El Censo de las Condiciones de Aprendizaje a través de Google Formularios. Los resultados demuestran que el simple acceso a internet no es suficiente para la efectividad del proceso de enseñanza-aprendizaje en este momento.

Palabras-Clave: Condición de Aprendizaje; Vivienda; Aprendizaje Remota

Submetido em: 29/10/2020

Aprovado em: 10/09/2021

Publicado em: 30/09/2021